

A VIDA E A POLÍTICA EM CONFINAMENTO: A CRIAÇÃO INDUSTRIAL DE SUÍNOS PARA ABATE

Sílvia Maria Poletti¹

Paulo Muller²

Resumo:

A região noroeste do Rio Grande do Sul é responsável pela maior concentração de granjas de criação de suínos para abate no estado (granjas integradas 56% e granjas independentes 34%) segundo dados do Departamento de Defesa Agropecuária DDA de 2013. A cidade de Rodeio Bonito, com 5 mil habitantes, é responsável por abater mais de 60 mil porcos por ano, e está em quinto lugar no ranking de suínos para abate do IBGE. A indústria gerada para os cuidados destes animais, evidenciada pela circulação de caminhões que os transportam pelas estradas de chão do interior e no asfalto dos pequenos centros urbanos das cidades da região, é fundamental para dar os primeiros passos de contato com as redes de criação industrial de suínos para abate. Os animais deixam um lastro de cheiro intenso que emana das cargas transportadas a qualquer horário do dia, todos os dias da semana em Rodeio Bonito, cidade em que é iniciada a etnografia. No emaranhado da vida política da cidade a principal empresa suinocultora, e a criação de suínos nos chiqueirões por cuidadores dedicados, faz emergir uma relação entre os porcos e os humanos que perpassa o fluxo contínuo da vida para a morte a que estes animais estão fadados, adentrando a vida pública local, através dos transportes e rumores dos próprios criadores em relação ao modo de vida que é estabelecido ao animal. Um envolvimento para desenvolvimento, que não escapa à lógica antropocêntrica e liberal global é acompanhado através da convivência local com os porcos, seus cuidadores, o transporte dos animais no meio urbano e os acontecimentos políticos da cidade.

Palavras-chave: Antropologia. Relação humano-animal. Política animal. Filosofia animal. Etnografia.

Modalidade de Participação: Iniciação Científica

A VIDA E A POLÍTICA EM CONFINAMENTO: A CRIAÇÃO INDUSTRIAL DE SUÍNOS PARA ABATE

¹ Aluno de graduação. cosilviamaria@gmail.com. Autor principal

² Docente. paulo.muller@uffs.edu.br. Orientador

A VIDA E A POLÍTICA EM CONFINAMENTO: A CRIAÇÃO INDUSTRIAL DE SUÍNOS PARA ABATE, CONTEXTO E PRIMEIROS CONTATOS DA PESQUISA

Sílvia Maria Poletti¹

A região noroeste do Rio Grande do Sul é responsável pela maior concentração de granjas de criação de suínos para abate no estado (granjas integradas 56% e granjas independentes 34%) segundo dados do Departamento de Defesa Agropecuária DDA de 2013. A cidade de Rodeio Bonito, com 5 mil habitantes, é responsável por abater mais de 60 mil porcos por ano, e está em quinto lugar no ranking de suínos para abate do IBGE. A indústria gerada para os cuidados destes animais, evidenciada pela circulação de caminhões que os transportam pelas estradas de chão do interior e no asfalto dos pequenos centros urbanos das cidades da região, é fundamental para dar os primeiros passos de contato com as redes de criação industrial de suínos para abate. Os animais deixam um lastro de cheiro intenso que emana das cargas transportadas a qualquer horário do dia, todos os dias da semana em Rodeio Bonito, cidade em que é iniciada a etnografia. No emaranhado da vida política da cidade a principal empresa suinocultora, e a criação de suínos nos chiqueirões por cuidadores dedicados, faz emergir uma relação entre os porcos e os humanos que perpassa o fluxo contínuo da vida para a morte a que estes animais estão fadados, adentrando a vida pública local, através dos transportes e rumores dos próprios criadores em relação ao modo de vida que é estabelecido ao animal. Um envolvimento para desenvolvimento, que não escapa à lógica antropocêntrica e liberal global é acompanhado através da convivência local com os porcos, seus cuidadores, o transporte dos animais no meio urbano e os acontecimentos políticos da cidade.

Palavras-chave: Antropologia. Relação humano-animal. Política animal. Filosofia animal. Etnografia.

¹ Sílvia Maria Poletti estudante de Ciências Sociais na Universidade Federal da Fronteira Sul campus Erechim, bolsista de pesquisa FAPERGS, Monitora voluntária de antropologia para o curso de Ciências Sociais e participante do Laboratório de Bricolagens Etnográficas LABRICES, orientada por Paulo Muller, antropólogo e professor da instituição.